



Mídia e Minorias: Representação Midiática do Homossexual¹

Ana Cecília da Silva²
Dalmer Pacheco³

RESUMO

Nós percebemos a mídia como espaço democrático de discussão sobre os mais variados assuntos de interesse social. Sabemos que não cabe a ela fazer julgamentos, sendo imparcial ao noticiar os fatos, funcionando como um mediador entre o público e a informação. Porém, a mídia não se porta como espaço democrático quando é vez de dar voz às minorias, no sentido de diminuir o preconceito e a discriminação, dando lugar à pluralidade dos atores sociais. No presente artigo, pretende-se discutir a maneira como os veículos de comunicação representam as minorias, sobretudo os homossexuais, partindo de teorias como *Marginais e Desviantes*, *Moral do Rebanho* e da idéia de *Identidade e Alteridade*. Qual o nosso olhar sobre o Outro? E quem nos diz a maneira que devemos olhá-lo?

PALAVRAS-CHAVE: Desvio; hegemonia; minorias; moralidade; marginal; alteridade

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFAL-AL, email: anacecilia_rhcp@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFAL-AL, email: dalmerpachecoufal@gmail.com



Introdução

As regras sociais definem aquilo que chamamos de ações sociais e os comportamentos apropriados a elas, especificando assim algumas ações como certas e outras como erradas.

De acordo com Becker (1977), quando uma regra é imposta e alguém a transgredir, esse indivíduo é visto como “marginal ou desviante”, ou seja, todo aquele que varia muito em relação à média, apresentando um comportamento diferente do que é considerado “normal” pela sociedade, baseada geralmente em valores hegemônicos. Essas regras podem ser promulgadas por lei, onde o poder do Estado ajuda a impor, ou podem ser acordos informais, vinculados à tradição e a moral socialmente compartilhada, resultado de um consenso.

Alguns estudos sociológicos vêem o desvio como um processo de desorganização social, pois certas características sociais rompem a estabilidade das regras socialmente compartilhadas. Já outras visões sociológicas mais relativistas, vêem o desvio como o fracasso dos indivíduos em obedecer a regras criadas por um grupo, que por ser uma maioria, supostamente teria a “razão.”

Para Nietzsche (2010), podemos conceber a moral judaico-cristã (geralmente disseminada pela grande mídia), como moral do rebanho, ou seja, moral concebida coletivamente e que possuiria como único critério negar a individualidade e diversidade dos homens. Nesse sentido, se encaixa a doutrina do livre-arbítrio que leva os homens a acreditar que são livres para escolher, mas sabendo que “escolhas erradas”, não condizentes com a moral da maioria, acarretarão conseqüências. A partir dessa perspectiva, eles viram escravos do rebanho e de uma moralidade imposta, não sendo mais senhores de suas escolhas e seus atos.

É a partir desse recorte do que é moral, regras e desvio que se pretende entender como a mídia representa as minorias, sobretudo os homossexuais. Qual o procedimento adotado pelos meios de comunicação? Como eles disseminam os valores e regras de uma maioria? Qual o discurso utilizado? Ele é dirigido no sentido de diminuir os preconceitos e discriminação ou apenas é reprodução de uma ideologia hegemônica e carregada de estereótipos?



Atribuição de sentido sobre o Outro

Antes de entender como a mídia representa os homossexuais, é preciso tomar como referência os conceitos de alteridade e de identidade, ou seja, analisar como se estabelece a nossa identidade e a partir do que construímos o nosso olhar sobre o outro.

Segundo Dalmer Pacheco (2007), em seu texto *Conversão de Classes ou Popular Travestido?* A alteridade é constituída a partir de uma dicotomia entre a dimensão humana e divina e também na oposição entre bem e mal, onde o bem é baseado em uma ordem inalterável do mundo guiado por Deus e mal em obras praticadas por homens induzidos pelo demônio. Esses são aspectos importantes para entendermos a partir do que são construídos os valores morais judaico-cristãos.

Como consequência dessa ordem inalterável, onde homens são separados em bons e maus, é que vai surgir a categoria de desviante ou marginal, ou seja, todo aquele que nega a racionalidade do grupo. Se o indivíduo desviante nega as regras, ele será excluído pelo grupo, portanto com a categoria dos desviantes surgem também as exclusões sociais, onde a diferença e a singularidade segregam. Sobre isso nos fala o autor: “A norma cultural estabelece uma justificativa ‘lógica’ para os padrões de normalidade, reforçando, portanto, a própria regra” (PACHECO, 2007, pág. 6). Assim, a cultura, as relações sociais e de alteridade andam sempre no sentido de reforçar os valores hegemônicos, as atitudes “normais” em detrimento daquilo que destoa do conjunto, como completa Pacheco:

Em síntese, a norma ‘social’ - construída na esfera cultural – vai abrigar, necessariamente, uma visão de mundo, um olhar do Mesmo sobre o Outro, uma perspectiva de uma fala hegemônica em confronto com uma fala marginal, um discurso ideologicamente privilegiado em detrimento das ideologias “marginais”. (IBID, pág. 7)

O modelo cultural no qual vivemos dita comportamentos desejáveis e uma gama de valores que devemos seguir se quisermos estar em “harmonia com o resto do mundo”. Tudo aquilo que contrariar essas normas deve ser desprezado, reprimido, condenado, já que em uma sociedade de moral judaico-cristã, tais atos são vistos sob a perspectiva do pecado e da ofensa a Deus, que em nome do Bem, devem ser evitados. Condutas como: Sexo antes do casamento (pecado contra a castidade já que o sexo é feito apenas para a reprodução e não como fonte de prazer, segundo a perspectiva cristã); homossexualismo (contrariando as normas de que uma família seria composta



apenas por um homem e uma mulher) e o divórcio (que denotaria o fracasso do casamento, onde só Deus poderia separar o casal) seriam só alguns exemplos de práticas desviantes, segundo uma ideologia hegemônica.

Mas afinal, quem é o Outro? Tão estranho a nós em alguns momentos, tão próximos em outros. Como nós o percebemos? Que olhar é esse? Quem nos diz como olhá-lo? Quais nossas referências? Quem estabelece as regras?

A mídia como esfera pública de discussão

Na Era da instantaneidade, aonde as informações chegam a nós a todo o momento, em grande quantidade, não dando tempo até de consumi-las corretamente e criticamente, o poder da mídia e sua influência são inegáveis. Diante de seu poder, qual é então sua responsabilidade no mundo contemporâneo? Segundo Ester Kosovski (1995) em *Ética na Comunicação*, a mídia tem uma atuação relevante na criação e na disseminação de crenças e opiniões. Porém nossa tendência é sempre buscar um vilão para a história, lançando a mão o que está mais próximo, no caso a mídia. Esquecendo que a responsabilidade pelo que ocorre deve ser compartilhada entre sociedade e mídia, já que a sociedade não seria apenas vítima do que está sendo noticiado, mas participaria de seu processo de construção. Sobre a atuação da mídia e atribuição de sentido nos fala a autora:

As notícias recebidas através da mídia eletrônica no exato momento em que acontecem (a transmissão da CPI da corrupção, por exemplo) despertam emoções e sentimentos variados e são apresentadas, selecionadas, comentadas “a posteori” pelos jornais e periódicos, cada um com sua feição sendo consumidos por público mais reduzido, servindo de fonte permanente de referência futura. (KOSOVSKI, 1995, PÁG.25)

Ainda segundo Ester Kosovski, a importância da mídia no mundo contemporâneo vem sobretudo da força que ela tem de influenciar a opinião pública, através, por exemplo, de imagens fortes, vista por alguns como sensacionalismo.

Para Luiz Costa Pereira Junior em *Guia para Edição Jornalística* (2011), não se pode dominar as variáveis éticas do jornalismo e antes de julgar é preciso contextualizar as circunstâncias do caso. Se uma imagem forte é mostrada pela mídia é preciso analisar se aquela imagem não funcionaria como um paliativo, representando uma mudança positiva, denunciando um crime, por exemplo, que a através da exposição da imagem,



poderia abrir os olhos da sociedade para sua solução. A mídia nesse sentido teria em mãos, um duplo poder, tanto de provocar mudanças positivas através de sua influência, como de reproduzir conceitos hegemônicos e perpetuar ideais de discriminação e preconceito.

A construção da imagem do homossexual

A partir desse momento vamos analisar como a mídia e o discurso jornalístico de modo geral pode determinar ou intensificar o processo de marginalização dos homossexuais.

Como vimos, o jornalismo ajuda a tecer os sentidos da realidade e como canal de discussão pública deve atender a todos os segmentos e a diversidade existente na sociedade. A questão central é: Como a mídia representa os homossexuais? Ela dá voz? Ou os trata com preconceito?

Segundo um padrão cultural da sociedade hegemônica, o “normal” é o indivíduo ser heterossexual, casar, ter filhos, constituir família. A igreja considera a homossexualidade algo “não natural” e que iria contra a manutenção da família, composta por homem e mulher, que deve gerar filhos, através do sexo abençoado por Deus, ou seja, depois do casamento e como única finalidade a reprodução.

Um bom exemplo da visão da sociedade a respeito dos homossexuais é o Projeto de Lei que legaliza a união estável entre pessoas do mesmo sexo para que gays e lésbicas tenham direitos civis. O projeto desencadeou várias reações em todo o país, em sua maioria contrárias à aprovação. As oposições mais fortes vinham de membros da igreja, seja ela católica, evangélica ou protestante, que alegavam que o projeto ameaçava a manutenção da família. Alguns religiosos até diziam que não era tão problemático ser gay, já que muitos “não escolheram esse destino, nasceram assim”, mas que não era normal chamar a união de casamento e muito menos torná-la oficial. Ou seja, o homossexualismo pode existir, mas não pode vir a público, não pode ser encarado como algo normal perante a sociedade, pois aquele não era o modelo de família criado por Deus.

Esse tipo de pensamento em nossa sociedade é comum, pois nos encontramos muito ligados aos ensinamentos da igreja que relaciona moralidade com conduta sexual. A visão dos grupos religiosos mais conservadores determina bastante como a sociedade



passa a encarar certos assuntos. A visão religiosa é reproduzida pela mídia principalmente para manter o status quo, a suposta ordem inalterável que o mundo teria.

Segundo Vicente William da Silva Darde (2006) em seu artigo *A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira*, a sociedade não pretende manter a heteronormatividade através da exclusão do discurso da homossexualidade, mas sim a tornando excêntrica, minoritária, diminuindo-a.

A mídia enquanto instância social pode tanto legitimar quando silenciar grupos e sujeitos sociais deve perceber que é determinante nesse jogo de poder. A compreensão mais ampla da identidade sexual e da sexualidade, e sua construção histórica é que pode contribuir para perturbar a tranquilidade da heteronormatividade reproduzida na sociedade. (DARDE, 2006)

O Jornalismo, como importante ferramenta de construção da realidade e relacionado à norma vigente (partilhando valores/reproduzindo valores de uma sociedade cristã), vai contribuir para a disseminação das normas dominantes na sociedade. Nesse sentido, a mídia nem sempre age como espaço democrático, através de discursos que fortaleçam a cidadania desses grupos ou diminua a homofobia, discriminação contra homossexuais.

Ainda segundo Darde, é necessário que não sejamos tão ingênuos a ponto de acreditar que a mídia gozaria de total poder de manipulação, como se o público fosse um fantoche à mercê de suas idéias. Sobre isso o autor nos fala:

Sabemos que a influência da mídia nas práticas sociais se exerce a partir de um complexo jogo de poder, onde há sempre uma negociação e, por isso, não podemos aceitar o conceito de que a mídia teria um poder total de controle e manipulação da opinião.
(Darde 2006)

Vivemos hoje na filosofia do “Apesar de”, onde para elogiar uma pessoa, precisamos antes denegri – lá (*Ele é gente boa, apesar de ser gay*) Ou então vemos uma mídia que faz do homossexual um personagem extremamente caricato, como em novelas, por exemplo, onde o homossexual é obrigatoriamente afeminado, no jeito de vestir, falar. Pouco se discute nesses casos, a questão do preconceito, preocupa-se bem mais em fazer do gay, um personagem engraçado e divertido, que garanta boas risadas à



audiência. Encarando o assunto com “bom-humor e leveza”, mas destilando de forma implícita todo o preconceito que não pode ser assumido escancaradamente por um espaço “democrático”.

Conclusão

Os meios de comunicação como espaço aberto de discussão de questões públicas, portanto um espaço democrático, não se porta dessa maneira quando a questão é dar voz às minorias e diminuir o preconceito e a discriminação. Mesmo que hoje ainda haja uma abertura para a discussão, ela ainda está longe de ser ideal, já que a homossexualidade ainda é concebida como desviante, pois contraria as normas sociais de que uma família é composta por um homem e uma mulher. Visão reforçada pelas instituições legitimadas da sociedade: igreja, escola, família e claro, a própria mídia.

Em alguns momentos, parece que o jornalismo esquece-se de dar lugar à pluralidade de vozes e dos atores sociais, expressando a multiplicidade de formas culturais e incluindo aqueles que vivem à margem da sociedade, concebidos como marginais ou desviantes.

O jornalismo como lugar de fala, contribui para a definição de papéis, afirmação de valores e sentidos da sociedade. Assim, a mídia seria essencial para dar voz e visibilidade às minorias, que buscam o direito de se representarem e não de serem representadas pela cultura dominante, uma representação que na maioria das vezes foge do que é real, correndo o risco de cometer erros e distorções.

A conquista da cidadania e a busca pelo reconhecimento social, só terá algum tipo de resultado quando a mídia, responsável pelo imaginário coletivo, transformar esse caráter dominante e arbitrário que propaga, em entendimento de culturas paralelas, alternativas, plurais como diversidade, respeitando-as e não tratando com discriminação e preconceito.



Referências bibliográficas

MOREIRA, A.R.S. **Nietzsche: O Ressentimento e a Transmutação Escrava da Moral** In: Argumentos – Revista de Filosofia. Ano 2. Nº 3, 2010.

PACHECO, D. **Conversão de classe ou Popular Travestido? A comunicação nas/das Culturas Populares: a comunidade de São Pedro**. Maceió: Edufal, 2007.

PEREIRA JUNIOR, L.C. **Guia para Edição Jornalística**. 3º Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

DARDE, V.W.S. **A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira**. In: Em Questão - Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Nº 2. Volume 14. Ano 2008.

KOSOVSKI, E. e BARATTA, A. **Ética na Comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

BECKER, H. **Marginais e Desviantes**. In: Uma teoria da acção coletiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. (Capítulo 3 – p.52-85)

